

Senado Federal

## MAURÍCIO LIMA

### COISAS DA POLÍTICA

# Troca de guarda

Por trás do rosário de denúncias que pululam contra o senador Jader Barbalho, uma grande transformação está em curso no Senado Federal. Numa expressão, o fenômeno poderia ser chamado de "troca de guarda". Até bem pouco tempo, os principais atores do jogo político no Senado eram o próprio Jader, seu inimigo Antonio Carlos Magalhães e o ex-líder do governo, senador José Roberto Arruda. As grandes articulações passavam obrigatoriamente por esses três habilidosos operadores. Governo e oposição sabiam que o peso político do trio era capaz de aprovar ou paralisar um projeto.

A queda iminente do terceiro e último pilar dessa pirâmide abriu um vácuo na articulação política da Casa. Naturalmente, esse espaço deixado pelo trio está sendo disputado com ardor pelos que ficam. É uma batalha que teve capítulo decisivo na semana passada, durante a negociação para o caso de Jader. A condução da crise credenciou Renan Calheiros, líder do PMDB, Sérgio Machado, líder do PSDB, e Paulo Hartung, do PPS, para ocupar o vácuo deixado pelos três atores — Jader, ACM e Arruda.

Eles deram uma demonstração de habilidade ao conciliar interesses diversos sem ferir suscetibilidades. Não é o caso de se tecer considerações sobre a qualidade dos acordos, as estratégias utilizadas e nem se a "troca de guarda" foi para melhor. Trata-se apenas de identificar quem esteve por trás das articulações e ameaça tomar o lugar dos que se foram. No caso Jader, por exemplo, eles utilizaram inúmeras vezes um artifício pouco elogiável. Ao receberem ligações de políticos, simulavam histórias. Por intermediários, induziram a imprensa a procurar Jader em Belém. Na verdade, o senador paraense estava se consultando com o advogado Antônio Mariz de Oliveira, em São Paulo.

A crise se iniciou quando surgiram novas provas de que o presidente licenciado do Senado recebeu dinheiro público desviado. O alarme soou forte no Congresso e um grupo de políticos abandonou o recesso para voltar à Brasília. Eles vieram às pressas para tentar conduzir o caso da melhor maneira possível. A base aliada, se é que ainda pode ser chamada assim, foi representada pelo senador Renan Calheiros e Sérgio Machado. Pela oposição, vieram os senadores Paulo Hartung e Heloísa Helena, do PT. Renan e Machado não deram um passo sem consultar a oposição. Ouviam as ponderações, principalmente de Hartung, com atenção.

Ao mesmo tempo, a dupla recebia ligações do ex-presidente José Sarney, do senador pefelista Edison Lobão e do presidente do PFL, Jorge Bornhausen. Os três estavam preocupados com o desenrolar do caso por motivos diferentes. O que deu mais trabalho foi Sarney. Primeiro porque não queria que a presidência da Casa ficasse com Lobão. No próximo ano, Lobão quer ser candidato ao governo do Maranhão, o que Sarney e principalmente sua filha, Roseana, não admitem. Não é segredo para ninguém que o ex-presidente da República deseja ser ungido ao cargo.

O caso não era nada simples de ser resolvido. Jader não queria sair, Sarney não queria Lobão, o PMDB não queria perder a presidência da Casa e o PFL queria a sua fatia de poder. Nos momentos mais críticos, a cooperação entre Hartung, Renan e Machado aumentou. Pouco a pouco, o trio foi vencendo as resistências. Jader topou pedir licença. O PMDB ficou satisfeito com a garantia de novas eleições. Sarney está exultante porque talvez seja o próximo presidente do Senado e o PFL topou porque, afinal de contas, Sarney tem um pé no PMDB e o resto do corpo no PFL. Jader não ficou muito feliz. Mas concordou que não restavam alternativas.

É evidente que para se chegar à condição de operadores do Senado como ACM ou Jader, qualquer liderança política tem de percorrer longo caminho. Na disputa velada por influência, as substituições não são feitas de forma cartesiana. Mas não há dúvida de que a importância de Renan, Machado e Hartung cresceu depois do episódio da semana passada. Uma ala do PMDB cogita em Renan para a presidência da Casa. Machado mostrou que é um articulador de força nos bastidores. Hartung, que já está sendo sondado pelo PSDB para voltar, recebe quase todos os dias ligações do presidente em exercício, Edison Lobão, para saber como estão as negociações sobre Jader.

A gênese dessa "troca de guarda" começou curiosamente com a eleição de Jader Barbalho para a presidência do Senado. Os maiores articuladores da aliança PSDB-PMDB foram justamente Renan e Machado. Eles foram peças fundamentais na viabilização do acordo que elegeu Jader no Senado e Aécio Neves na Câmara. Dessa vez, com a ajuda de Hartung, eles entraram em operação justamente para tirar o senador paraense do posto. Para bem ou para mal, foi o segundo episódio em que eles traçaram o destino da Casa.